

## Estudos da Língua(gem)

### **A significação e a presença da criança na linguagem**

---

La signification et la présence de l'enfant dans le langage

**Carmem Luci da Costa SILVA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL – UFRGS/BRASIL

**Valdir do Nascimento FLORES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL – UFRGS/BRASIL

#### **RESUMO**

Este estudo trata da passagem da criança de não falante a falante de uma língua como uma experiência única, que registra uma especificidade humana, a capacidade simbólica, base da significação e lugar de integração do homem à linguagem. Considerando a aquisição da linguagem como a face mais aparente da função simbólica no homem, parte-se do pressuposto de que o homem nasce na cultura e de que a linguagem, integrante desse mundo-cultura, é inseparável da condição humana. Portanto, defende-se que a dimensão simbólica permite à criança fazer a passagem da natureza à cultura e marca a sua presença e história na língua\linguagem.

---

\*Sobre os autores ver página 149.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição da linguagem. Capacidade simbólica. Significação.

### RÉSUMÉ

*Cette étude traite du passage de l'enfant de non parlant à parlant d'une langue comme une expérience unique qui enregistre une spécificité humaine, la capacité symbolique, base de la signification et lieu d'intégration de l'homme au langage. Tenant en compte l'acquisition du langage comme la face la plus apparente de la fonction symbolique dans l'homme, on part du présupposé que l'homme naît dans la culture et que le langage, partie intégrante de ce monde-culture, est inséparable de la condition humaine. On défend donc que la dimension symbolique permet à l'enfant de faire le passage de la nature à la culture et marque sa présence et son histoire dans la langue \ langage.*

**MOTS-CLÉS:** *Acquisition du langage. Capacité symbolique. Signification.*

*Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, de tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós.*

(Valter Hugo Mãe)

## 1 Introdução

Este texto sintetiza um percurso de estudo que fizemos – às vezes em conjunto; às vezes individualmente – no campo dos estudos da linguagem da criança<sup>1</sup> e no campo dos estudos dos distúrbios de linguagem na infância<sup>2</sup>. O ponto de chegada de ambos foi o mesmo: a passagem da criança da condição de não falante à de falante de uma língua é uma experiência única e registra, de maneira incontornável – às vezes em condições muito adversas –, uma especificidade humana: a capacidade simbólica.

Observe-se esse ponto de ancoragem: o *símbolo*. Essa palavra tem, aqui, estatuto de termo e nomeia o que frequentemente é chamado de “fato simbólico”, ou seja, algo que diz respeito à capacidade (humana) de

<sup>1</sup> Cf. SILVA, C.L.C. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

<sup>2</sup> Cf. SOUSA-RAMOS, A. P.; FLORES, V. N. “Rinoglotofilia como estratégia enunciativa na interlocução de uma criança com nasalidade excessiva e sua terapeuta”. *Distúrbios da Comunicação*, v. 26, p. 295-303, 2014.

atribuir e de construir significação. A criança acede à condição de falante pela atribuição de significação às relações linguísticas que a cultura coloca a sua disposição. Isso não é uma tarefa fácil e, sabemos, há aqueles que fazem, nessa passagem, um percurso muito próprio, chegando, inclusive, a da linguagem se desviar (não menos significativa é a recusa à linguagem que o autista se reserva; ou a aventura delirante que a psicose atesta).

De certa maneira, é esta a justificativa para apresentarmos um estudo sobre a linguagem da criança em uma revista que reúne estudos acerca da semântica da língua: há diferentes formas de construir e atribuir significação, o uso da linguagem é, talvez, um dos mais fundamentais, e a criança está presente nele de maneira muito particular.

Isso posto, de nossa parte, esperamos circunscrever, neste texto, uma perspectiva paradoxalmente ampla e delimitada: ampla porque o tratamento do fato simbólico tem alcance indefinido e engloba todas as atividades humanas; delimitada porque situamos a passagem de não falante a falante como *ad exemplum* da capacidade simbólica do homem.

Para tanto, faremos o seguinte percurso: em primeiro lugar (cf. item 1), buscamos nos aproximar progressivamente do problema da aquisição da linguagem observando-o do ponto de vista das questões fundantes que ele coloca. Fazemos isso a partir de um olhar externo à Linguística; em segundo lugar, desenvolvemos argumentação especificamente voltada à consideração da passagem da criança da condição de *infans* a falante como forma de atestar o simbólico como lugar da significação e, por esse viés, da condição de presença do homem na língua. Conclui-se em favor da ideia de que a dimensão simbólica permite à criança fazer a passagem da natureza à cultura e marca a sua presença na língua/linguagem. Essa segunda parte (cf. item 2), mais estritamente linguística, apoia-se nos argumentos oriundos da reflexão do linguista Émile Benveniste. Em seguida, apresentamos algumas considerações finais.

Finalmente, a visada defendida é, em seu conjunto, muito bem expressa pelas lindas palavras que servem aqui de epígrafe: na fala do *eu* se fazem ouvir todas as vozes que consentimos chamar de *cultura*. Não há lugar mais instigante para surpreender-se com isso do que a fala de uma criança!

## **2 A presença da linguagem na criança: humano, demasiado humano**

A referência ao título do livro de Nietzsche, além de cumprir, aqui, o papel de uma metáfora, é uma espécie de indicador do duplo caminho a seguir: sim, é demasiado humano o fato de que possamos nos tornar falantes; sim, isso não é matéria apenas para linguistas. Outros se ocuparam disso (e, talvez, com maior acuidade). Começamos falando um pouco sobre este último caminho.

Ele resguarda a não conformidade da evidência de o homem, em algum momento de sua vida, começar a falar a apenas uma área do conhecimento. A Linguística não é nem a única e nem a melhor a dela se ocupar. Esse “transbordamento disciplinar”, para usar um eufemismo, formula para o linguista uma espécie de advertência: “disso, linguista, tudo não é possível saber”. Impõe-se, então, a angústia, não poucas vezes desviada pelos linguistas, de um saber parcial. A aquisição de linguagem coloca o linguista em uma posição que, facilmente, passaria por desconfortável aos olhos de muitos. O desconforto advém do fato de ser a linguagem da criança algo, por natureza, refratário a definições totalizantes.

Ora, se é bem verdade que o homem adquire linguagem – o que evidencia um aspecto universalizante da questão, que está contido no que nomeamos acima “demasiado humano” – não é menos verdade que cada um faz disso uma experiência singular. Muitos se ocupam desse fenômeno.

Evidentemente, não se trata de fazer, a seguir, uma história da presença da criança e do processo de aquisição da linguagem nas diferentes áreas do conhecimento. A respeito disso, basta anunciar: a reflexão sobre aquisição da linguagem é antiga e transversal a inúmeras áreas (Antropologia, Psicanálise, Filosofia, Psicologia, Linguística, etc.).

A variedade das disciplinas, com o isolamento disciplinar que sofreram e com a proliferação de uma terminologia nem sempre intercambiável, faz com que deixemos de perceber algo que, em nossa opinião, é fundamental: há uma unidade da problemática da aquisição da linguagem que é dissimulada pela tradição das configurações

epistemológicas disciplinares. Nossa tarefa aqui é resgatar essa unidade e apresentá-la como transversal aos saberes acerca do homem.

Nessa direção, não seria absurdo admitir que nosso estudo assentasse sobre uma perspectiva antropológica – em sentido geral – de tomada da linguagem. Em outras palavras, a transversalidade da questão de aquisição da linguagem garante ao homem uma forma de vida – que consideramos ancorada em fatos simbólicos – que não é comum às demais espécies animais. O homem é o único animal que pode ser caracterizado pela possibilidade de desenvolver a função simbólica da qual a linguagem é a mais complexa expressão. O antropológico pode aí ser compreendido *lato sensu* como *conhecimento geral acerca do homem*. O que está em destaque, então, é menos os aspectos sociais e culturais que individualizam os homens em contextos específicos e mais o que pode ser considerado fato humano, portanto, subjacente às diversas disciplinas (em especial as pertencentes às ditas Ciências humanas).

Vejamos alguns exemplos dessa transversalidade.

Os mais antigos textos dos quais se tem conhecimento tocam o tema da aquisição de linguagem. Santo Agostinho, em 397 da era cristã, assim se manifesta em *Confissões, Livro 1, A infância*:

“Não eram pessoas mais velhas que me ensinavam as palavras, com métodos, como pouco depois o fizeram para as letras. Graças à inteligência que Vós, senhor, me deste, eu mesmo aprendi, quando procurava exprimir os sentimentos do meu coração por gemidos, gritos e movimentos diversos dos membros, para que obedecessem à minha vontade” (SANTO AGOSTINHO, *Confissões, Livro 1, parágrafo 8*).

Sem queremos avaliar a concepção de aquisição de linguagem suposta por Santo Agostinho, o que só poderia ser feito a partir de parâmetros internos aos que o filósofo utiliza, a evidência é apenas uma: a aquisição de linguagem é um problema presente para todos que se interessam pela linguagem. E isso há muito tempo.

Passemos a um tempo mais próximo do nosso.

Maurice Merleau-Ponty, logo no início de seu *Psicologia e pedagogia*

da criança – livro que reúne os cursos ministrados pelo filósofo na Sorbonne entre os anos 1949 e 1952 –, afirma: “a linguagem não é coisa nem espírito; sendo ao mesmo tempo imanente e transcendente, falta encontrar seu estatuto. Esse problema estará sempre presente no estudo da aquisição da linguagem” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 3). O filósofo parece não hesitar: a aquisição da linguagem evidencia a *resistência* da linguagem, “invençível a todos os esforços para convertê-la em objeto” (p. 4).

Esses dois exemplos, distantes no tempo e nas proposições teóricas que formulam, atestam, ao menos provisoriamente, a transversalidade da aquisição da linguagem às ciências do homem. E por que ela ocuparia esse lugar?

Em nossa opinião, a resposta já está anunciada desde o início deste texto: a aquisição de linguagem é por excelência a face mais aparente da função simbólica no homem.

Ora, essa ideia – assim genericamente formulada – não é nova. Ela é explícita na obra de Jean Piaget, por exemplo. Não se pode negar que, para Piaget, a aquisição da linguagem está intimamente ligada à constituição da capacidade humana de representar, de diferenciar os signos, portanto de exercer a função simbólica. Em *A formação do símbolo na criança*, Piaget dedica-se a mostrar como a capacidade da criança de representar o mundo está estreitamente articulada às relações entre intuição, operação e representação<sup>3</sup>.

No entanto, as expressões *função simbólica*, *símbolo* e *fato simbólico*, que temos utilizado, não recobrem propriamente o mesmo que Piaget formula<sup>4</sup>.

Para nós – sem que possamos esclarecer profundamente as diferenças neste momento – atribuir tais expressões à aquisição da linguagem, considerando-a um fenômeno transversal ao saber sobre o

<sup>3</sup> Segundo Dolle “a passagem da imitação em presença do modelo à imitação diferida não é linear. Com efeito, essa passagem requer o aparecimento, graças à maturação do cérebro, daquilo que foi chamado de “função simbólica”. O que significa a capacidade de tornar presente alguma coisa que não o está mais, em uma representação essencialmente imagética, e traduzi-lo através de uma imitação e de um jogo simbólico (fazer «como se») por meio de um desenho, da linguagem oral, e depois da linguagem escrita” (DOLLE, 2011, p. 100).

<sup>4</sup> O próprio Merleau-Ponty, na obra lembrada acima, examina as concepções piagetianas para demarcar especificidades com relação a este pensamento.

homem, significa dizer que a linguagem, desde que instalada no homem, transforma-o no “animal” cuja vida excede os dados da experiência, uma vez que eles só entram em consideração pela capacidade humana de apreensão simbólica, subsidiária das funções conceituais. Aqui, na verdade, é em Benveniste que encontramos apoio:

“Na verdade o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem. A ascensão de Homo na série animal pode haver sido favorecida pela sua estrutura corporal ou pela sua organização nervosa; deve-se antes de tudo à sua **faculdade de representação simbólica**, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade.

Essa **capacidade simbólica está na base das funções conceituais.**” (BENVENISTE, 1966, p. 29 - grifos nossos).

Vamos ilustrar o que estamos chamando de *transversalidade do fato simbólico que é a aquisição da linguagem* com parte de um relato de caso clínico feito pelo psicanalista Alfredo Jerusalinsky em *Saber falar: como se adquire a língua*.

Antes de passar, porém, à apresentação parcial do caso, cabem duas observações: a primeira: é desnecessário dizer que se trata de um relato de caso clínico tomado aqui não em sua natureza clínica. Sua função é tão-somente ilustrar nosso argumento acerca do fato simbólico. A segunda: o fato de recorrermos a um relato feito por um psicanalista, em uma obra que se preocupa com o “como se adquire a língua?”, contribui, em ato, com nossa hipótese segundo a qual a passagem de *infans* a falante instiga a muitos.

Trata-se do “Caso clínico nº3, Sarah Bernhard” do livro de Jerusalinsky. Citamo-lo parcialmente.

“Um paciente adulto relata um pequeno episódio com sua filha de 10 meses de idade. A babá está trocando as fraldas da menina. A mãe não está em casa e nosso paciente – que é o pai – se encontra próximo da ‘mesa de fraldas’. Toca nesse momento o telefone onde um colega de trabalho reclama a presença dele urgentemente na empresa (essa parte da fala fica evidentemente muda aos ouvidos da pequena). O pai responde ‘Estou indo’

(**tuindo** – na fonética gaúcha habitual). *A menina estende seu braço em direção ao pai com cara de angústia (o pai comenta: ‘parecia Sarah Bernhard’) e rompe a chorar.*

*Após o relato, nosso paciente, o pai, exclama surpreso: ‘Tem só dez meses e já entende o que falo! A gente, daqui em diante, vai ter que cuidar o que diz na frente dela’.* (JERUSALINSKY, 2009, p. 69-70) [grifos e itálicos do autor].

O que este recorte do caso clínico estudado por Jerusalinsky deixa à mostra, em nossa opinião, é a complexidade das relações simbólicas aí envolvidas. O choro da menina é tomado pelo pai como um ato simbólico, como indicador de outra coisa que não uma mera reação física (a uma dor, por exemplo, ou a um desconforto, já que a babá trocava-lhe as fraldas). Examinemos alguns aspectos dessa situação.

Alguns poderiam advertir que no choro não é propriamente a linguagem da expressão “aquisição de linguagem” que está em questão. Ora, não é disso que tratamos. Existem muitos sons produzidos vocalmente que, em tese, não hesitaríamos em negar o estatuto de linguagem (espirro, bocejo, respiração e mesmo choro). No entanto, esses mesmo ruídos vocais podem, se tomados em um contexto específico, cumprir a função simbólica que a linguagem cumpre. Não foi de um choro qualquer que o pai falou, mas de um choro com o sentido de angústia frente à possibilidade de ausência do pai.

Outros poderiam dizer que o relato evidencia a fala do pai acerca do choro da menina. Logo, não é a aquisição de linguagem que está destacada. Quanto a isso, cabe lembrar que há certo consenso na literatura especializada de que o outro tem papel fundamental na constituição do falante de uma língua. Lembremos apenas uma das maiores autoridades no assunto: Roman Jakobson.

Em seu texto *Por que “mama” e “papa”?*, Jakobson parte da consideração de que a interação entre a criança e o adulto produz, em ambos, efeitos importantes: a inserção no mundo dos adultos, para a criança; o uso da “fala de bebê” (“uma espécie de *pidgin*”), para os adultos. E acrescenta:

as criações léxicas, socialmente convencionalizadas, dessa fala de bebê, conhecidas pelo nome de linguagem de berço, se adaptam de propósito deliberado ao padrão fonêmico infantil e à construção usual das primeiras palavras que a criança diz; e, por outro lado, tendem a impor à criança uma delimitação mais nítida e uma estabilidade mais elevada da significação vocabular (JAKOBSON, 1967, p. 76).

É a escuta que o adulto tem da especificidade do que é vocalizado (no período do balbúcio, por exemplo) que configura uma base para produção da fala de retorno acerca do que ouve do bebê. Para nós, essa escuta introduz cotidianamente a criança no mundo do símbolo.

Finalmente, cabe ainda uma terceira observação. Poderia haver quem contra argumentasse – com certa desconfiança, sem dúvida – que o relato acima, mesmo que se admita com certa boa vontade que o choro tem um sentido, uma vez que é interpretado pelo pai, ainda assim não apresenta uma fala de criança. Logo, há pouco nele referente à aquisição de linguagem.

Ora, o valor ilustrativo que pensamos encontrar no relato é relativo menos à evidência dos dados e mais à função que tem. A cena mostra claramente que lugares de fala são construídos e isso é específico do humano, além de ser condição para que o homem venha a falar.

Façamos um pequeno exercício de reflexão. Onde está definido que a simultaneidade do choro de uma criança com a palavra *tuindo* significa “angustia porque o pai vai se retirar do ambiente”? É evidente que a cena constrói lugares de fala para cada participante. Esses lugares podem ser vistos como lugares de enunciação de um sujeito. É sobre a enunciação como instância específica da passagem da criança de *infans* a falante que passamos a tratar a seguir.

### **3 O simbólico como lugar de enunciação: a condição da presença do homem na língua**

Na seção anterior, buscamos tratar a aquisição da linguagem como uma experiência de significação ligada à faculdade simbólica do homem.

É essa faculdade simbólica que permite a instauração da criança em uma língua materna para *viver* no mundo do homem. Esse ato inaugural de passagem de não falante a falante de uma língua materna sempre instigou pensadores de distintos campos da linguagem e atesta, conforme já pontuamos, a transversalidade da aquisição da linguagem às ciências do homem. A constatação de que o homem não nasceu falante, mas que tem uma potência para tal, parece ser o ponto de interesse na busca de explicação pelo processo de aquisição da linguagem pelas ciências humanas. E talvez por aí encontremos possibilidades de diálogo da Linguística com outros campos, pois estamos com Ono (2014): “minha escolha é clara: eu fico ao lado do linguista que se interessa pela ‘maneira como o homem é animado e manifesto através de sua linguagem’”. (ONO; SILVA; MILANO, 2014, p. 259)

Esse interesse pelo homem animado e manifesto através da linguagem leva-nos a considerar o fato de que se manifestar pela linguagem é instaurar um lugar para significar. A experiência de significação *na e pela* linguagem remete-nos à teorização de Benveniste (1966; 1974) sobre linguagem, visto, para o autor, não ser possível separar homem de linguagem, o que o leva a desconstruir a oposição natureza e cultura e a defender que a linguagem está na natureza do homem. Dessons (2006), em uma síntese feliz, afirma que, na proposta benvenistiana, a linguagem é definida no homem e o homem na linguagem. Deslocando tal questão para o contexto de nossa reflexão, diremos que o simbolismo, articulador do homem à linguagem, está na base da significação e é condição de inscrição da criança em sua língua materna. A faculdade simbólica parece-nos ser o lugar de potência para a criança constituir-se como falante de uma língua para se historicizar, a partir de suas emissões, na linguagem.

Tal reflexão encaminha-nos a pensar no modo como a criança, por nascer na cultura (BENVENISTE, 1966; 1974), historiciza-se na linguagem, visto ter de, a cada ato de enunciação, deparar-se com a transformação radical da língua, ainda em aquisição, em discurso. Silva (2009, p. 286), ao se situar nessa perspectiva enunciativa, formula uma

explicação para o processo de aquisição da linguagem: “A criança produz uma história de suas enunciações, por meio da qual constitui sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem.”

Essa formulação pode ser redimensionada, neste texto, a partir de dois deslocamentos operados sobre a teorização linguística apresentada por Benveniste (1966; 1974): a *Teoria da Infância* – proposta por Agamben (2008) – e a *Invenção do Discurso* – teorizada por Dessons (2006) –, porque ambos enfatizam a importância da reflexão de Benveniste sobre linguagem por tratar o discurso como lugar em que o homem e a linguagem encontram seu ponto de indissociabilidade. Para Agamben (2008), experienciar-se na linguagem é reentrar na infância como o lugar de hiato entre língua e discurso, espaço necessário para o homem poder fazer a passagem de locutor a sujeito. Nesse sentido, a infância não está localizada em um tempo “antes” da linguagem, mas se situa justamente na cisão e na diferença entre língua e discurso. Por isso, torna-se interessante refletir sobre o modo como cada homem instaura o lugar dessa diferença, lugar que parece ser inaugurado na passagem de *infans* (de quem não fala) a falante, momento em que a criança se inscreve em sua língua materna por meio de seu ato de aquisição da linguagem.

Nessa direção, Dessons (2006) defende que a enunciação funda a historicidade do homem na linguagem, já que cada falante se individualiza na instância de discurso sempre nova e irrepetível. Isso porque o discurso, conforme Benveniste (1966; 1974), é o acontecimento diferente que dá existência, a cada ato de enunciação, ao sujeito, fundando-o em sua linguagem. Refletir sobre o processo de aquisição nessa perspectiva é situar-se nessa dimensão da infância do homem e de historicidade da linguagem para tratar cada experiência de enunciação como instauradora de uma história na linguagem.

É através da língua em emprego que o homem manifesta o simbolismo cultural em que se encontra imerso, o que faz Benveniste (1974, p. 24) defender que a língua se constitui como “um mecanismo de

significação”, já que é por meio dela que se enlaça o sistema cultural com o seu próprio sistema. Para o autor, “há como uma semântica que atravessa todos esses elementos de cultura e que os organiza.” (BENVENISTE, 1974, p. 25). Por isso, afirma: “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. Da articulação entre valores. (...) Esses valores são os que se imprimem na língua”. (BENVENISTE, 1974, p. 22). Se pensarmos que há valores culturais que se imprimem na língua, ao dela se apropriar para convertê-la em discurso, o locutor carrega para esse discurso os valores culturais já impressos nessa língua. Na integração homem-linguagem/língua-sociedade/cultura implicada no ato de enunciação, encontra-se a significação como fundamento da passagem de não falante a falante, pois, antes de qualquer coisa, a linguagem significa. A significação atribuída pela criança e pelo outro de suas interlocuções à experiência humana inscrita na linguagem, nas relações enunciativas, é condição para ela se historicizar em sua língua materna para se fundar na dupla natureza (individual e social) dessa língua. Trata-se do “viver” instanciado pela “inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1974, p. 85).

Pensar o estatuto da significação no ato de aquisição da linguagem instiga-nos a discutir como um saber e uma experiência na linguagem são produzidos, conforme reflexão do filósofo Agamben (2008), que defende, a partir da leitura da obra de Benveniste, a cisão entre língua e discurso como possibilidade de produção de um saber e de uma história na linguagem:

um ser que já fosse, portanto, sempre falante e estivesse sempre em uma língua indivisa, não existiriam conhecimento, nem infância, nem história: ele estaria sempre unido à sua natureza linguística e não encontraria em nenhuma parte uma descontinuidade e uma diferença nas quais algo como um saber e uma história poderiam produzir-se.” (Prefácio à edição francesa de *Infância e história*, 2008, p. 14)

Se pudéssemos encontrar um momento em que houvesse homem sem haver linguagem, poderíamos dizer que ali estaria a experiência pura e muda. Agamben (2008), valendo-se de Benveniste, mostra que isso

não existe; por mais que voltemos no tempo, sempre encontraremos “um homem falando com outro homem” (BENVENISTE, 1966, p. 285). Nesse sentido, é a passagem da língua ao discurso que possibilita à comunicação intersubjetiva se refazer e se renovar *na e pela* linguagem, fundando uma nova experiência humana e (*re*)imprimindo, a cada ato enunciativo, valores culturais na língua-discurso.

Assim, Agamben, filósofo, mostra aos linguistas que a linguagem, que constitui o sujeito nela e por ela, é propriamente a “expropriação” da experiência muda, ou seja, da experiência que não está constituída em linguagem. Ora, a instauração da experiência humana somente se funda na linguagem, uma experiência inaugurada no ato de aquisição e que se (*re*)faz em toda a vida do homem, visto que

o homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova. Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção” (BENVENISTE, 1974, p. 18).

Nesse processo de *reinvenção* em que estamos envolvidos, instauramo-nos novamente na língua na medida em que a cada instante atribuímos sentido ao que produzimos e ouvimos/lemos, o que afasta a possibilidade de se encontrar uma “experiência originária”, fora da linguagem. Logo, é essa experiência humana inscrita na linguagem que possibilita à criança fazer renascer, a cada ato de enunciação, a sua experiência de estar na língua, que se reatualiza pela articulação do *semiótico* (mundo do signo e da língua) e do *semântico* (mundo da frase e do discurso), sendo possível, por essa reatualização, historicizar-se na linguagem. Como nos lembra Agamben (2008, p. 68, grifos do autor): “*o humano propriamente nada mais é que esta passagem da pura língua ao discurso*; porém este trânsito, este instante, é a história.” É uma história que existe somente na instanciação do discurso e inscreve o sujeito nesse acontecimento. A possibilidade de a criança fazer a passagem de não falante a falante está relacionada à faculdade humana de simbolizar, que se manifesta a cada

reinvenção de discurso, lugar da passagem do mundo da língua ao mundo do discurso, condição para se fundamentar como sujeito e se historicizar em sua língua materna. De uma enunciação a outra, o sujeito, que é de linguagem, constitui-se de novo. Aqui reside, para Dessons (2006), o princípio de *reinvenção*, que comporta a historicidade da linguagem e do sujeito, visto a repetição não se produzir de modo idêntico. Sentidos singulares, instanciados no discurso, deixam os vestígios, na linguagem, do homem. Nesse caráter radicalmente histórico, o locutor instancia-se como sujeito na linguagem ao reorganizar suas emissões para significar sempre de modo *novo*.

A criança, em sua história de experiência humana na linguagem, via enunciações sempre renovadas, passa a se sentir como, e aqui retomamos Benveniste (1966, p. 27), “o homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu”. Esse mistério ligado ao poder fundador da linguagem tem, no ato de aquisição, um lugar privilegiado, que inscreve, para toda a vida, a infância no homem, pois

O mistério que a infância instituiu para o homem pode de fato ser solucionado somente na história, assim como a experiência, enquanto infância e pátria do homem, é algo de onde ele desde sempre se encontra no ato de cair na linguagem e na palavra. (AGAMBEN, 2008, p. 65)

Estar em um lugar de enunciação é encontrar-se no ato de cair na linguagem e na palavra para viver experiências singulares de significação. É o lugar onde vivemos a nossa infância de falante na busca incessante e renovada de conversão da língua em discurso.

#### 4 Conclusão

É tempo de finalizar. Cremos que as reflexões acima esboçadas são suficientes para autorizar a conclusão segundo a qual o aspecto simbólico da linguagem se apresenta de maneira incontestante no fenômeno

da aquisição de linguagem. E isso ao menos por um motivo: a passagem à condição de falante expõe uma certa inapreensibilidade do fenômeno em relação ao que alguns linguistas gostariam de chamar de totalidade. Em outras palavras: o fenômeno da aquisição de linguagem é – em função da significação que atesta o fato simbólico – sempre apreendido em sua parcialidade. E por quê?

Aqui, mais uma vez, é o brilhantismo de Benveniste que nos esclarece. Em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, de 1963, encontramos a seguinte passagem: “a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*.” (BENVENISTE, 1974, p. 27).

Não há dúvidas: sendo uma faculdade simbólica, o que dela podemos saber depende do fato simbólico que a coloca em ação na vida social. Sobre isso, exemplifica Benveniste: “O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade”. (BENVENISTE, 1974, p. 27). Ora, se acedemos à condição de homem pela faculdade de simbolizar e essa faculdade realiza-se de maneira “suprema na linguagem, que é a expressão simbólica por excelência” (BENVENISTE, 1974, p. 30), então a simbolização é a capacidade única que tem o homem de construir sentidos cuja percepção não pode ser esgotada pelo sistema sensorial humano. Não basta ter visão, olfato, paladar, tato e audição para construir sentidos. Aliás, esses sentidos estão presentes, também, em outros animais e, nem por isso, atribuímo-los capacidade de construir sentidos, em uma palavra, de ter linguagem.

A interpretação que fazemos aqui acerca do fenômeno da aquisição de linguagem permite ver que, se o homem nasce na cultura, então ele já a encontra no mundo quando nasce; e a linguagem, sendo parte desse mundo-cultura que encontramos ao nascer, é inseparável da condição de homem.

E como isso pode tornar-se visível ao linguista? Na verdade, o linguista que se interessar pelo que estamos falando deverá ter alguma disponibilidade para olhar para linguagem com olhos menos estranhos ao seu caráter cultural. Há muito para se desenvolver nesse campo: está por surgir uma antropologia da enunciação que mostrará como a cultura

está constitutivamente presente na linguagem humana. E a criança é talvez a melhor testemunha de tudo isso. Benveniste tem razão em falar na criança, quando fala de cultura e linguagem. Pois isso só é menos invisível pelo testemunho de uma criança.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1988. Edição original: 1966.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989. Edição original: 1974.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste**: l'invention du discours. Éditions in Press: Paris, 2006.

DOLLE, Jean-Marie. "Linguagem e pensamento". In: MONTOYA, Adrián Oscar Dongo (Org.) et al. **Jean Piaget no século XXI**: escritos de epistemologia e psicologia genéticas. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011. p. 99-118.

JAKOBSON, Roman. Por que "mama" e "papa"? In: \_\_\_\_\_. **Fonema e fonologia**. Tradução: Joaquin Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Saber falar**: como se adquire a língua? Petrópolis: Vozes, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**: curso da Sorbonne 1949-1952. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes: 2006.

ONO, Aya; SILVA, Carmem Luci da Costa; MILANO, Luiza. Sobre as relações entre a linguagem e o homem: caminhos de leitura em Émile Benveniste (entrevista). **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 13, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2014.122.13/4244>>. Acesso em: 04 de abril de 2015.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Tradução: Álvaro Cabral e Christiano Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Nova Cultural: São Paulo, 1996. (col. *Os pensadores*). Tradução: J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina).

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem**: enunciação e aquisição. São Paulo: Pontes, 2009.

*Recebido em abril de 2015.*

*Aceito em maio de 2015.*

## **SOBRE OS AUTORES**

**Carmem Luci da Costa Silva** é professora do Instituto de Letras (UFRGS) e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, na linha de pesquisa “Análises textuais, discursivas e enunciativas”. Orientadora de mestrado e doutorado, com atuação nos seguintes temas: teorias enunciativas, com ênfase nas perspectivas de Émile Benveniste e Oswald Ducrot; aquisição e ensino de língua materna; análises textuais; leitura e produção de textos. É autora do livro *A criança na linguagem: enunciação e aquisição* (Pontes, 2009).

E-mail: [clcostasilva@hotmail.com](mailto:clcostasilva@hotmail.com)

**Valdir do Nascimento Flores** é Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou estudos de pós-doutorado (CNPq) na Université de Paris XII-Val-de-Marne e na Université de Paris X-Nanterre (CAPES). Atualmente, é professor Titular de Língua Portuguesa do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor e orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade. É pesquisador PQ-CNPQ.

E-mail: [valdirnf@yahoo.com.br](mailto:valdirnf@yahoo.com.br)